

SOCIOLINGÜÍSTICA E GÊNEROS DISCURSIVOS EM ANÁLISE DE POEMAS (CAIÇARAS) DO LITORAL NORTE DE SÃO PAULO

Paulo Henrique de Abreu da Paixão¹, José Aparecido de Siqueira²

1 – Faculdade de Educação – Universidade do Vale do Paraíba – Jacareí – SP –
baruepaixao@hotmail.com

2 - Faculdade de Educação – Universidade do Vale do Paraíba – Rua Tertuliano Delphin Jr., 181 – Jd. Aquarius – 12246-080 – São José dos Campos – SP –
profsiqueira@bol.com.br

Resumo- Este trabalho relata um estudo de obras literárias produzidas por poetas da cidade de São Sebastião, litoral norte do Estado de São Paulo. Estuda-se nessas obras a variação lingüística e dialetos dessa comunidade para que se tenha um registro das características desse grupo social. Assim, levando em consideração que a fala pode estar representada na produção literária, o presente estudo tem a finalidade de revelar a existência ou não de uma característica específica da literatura do litoral norte. O corpus da pesquisa é constituído de cinco poemas adquiridos no XXIII Concurso de Poesia “Nhô Bento” – 2005, realizado nesta cidade. Para a análise, estão sendo utilizados como referencial teórico Bakhtin (2003), Moisés (2000), Tarallo (2002), Preti (1994) e Bagno (2003).

Palavras-chave: gêneros textuais, Sociolingüística, poema, litoral norte.

Área do Conhecimento: Lingüística, Letras e Artes.

Introdução

Muitos são os estudos sobre a relação existente entre língua oral e escrita, mesmo porque guardam aproximações maiores do que se poderia pensar, assim estuda-se nas obras literárias a variação lingüística e dialetos de uma comunidade para que se tenha um registro das características de cada grupo social. A Sociolingüística é uma das ciências dentro da lingüística que investiga a língua falada, mas tem sido utilizada também para a análise de textos, com o intuito de registrar essa diversidade.

Este estudo se propõe a analisar, sob a perspectiva da Sociolingüística os poemas produzidos por poetas da cidade de São Sebastião, no litoral norte de São Paulo, mas será utilizado também nesta análise o conceito de gêneros do discurso, do filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), um dos mais influentes teóricos da linguagem do século XX. Por entender os gêneros textuais como ações sociais constituídas por meio da linguagem, procuraremos relacionar os dados fornecidos pelo corpus à prática que subjaz a materialização lingüística. Assim, história, produtores e texto serão contemplados na realização deste trabalho.

Embora Bakhtin tenha apresentado o conceito de gêneros textuais na década de 50, a discussão sobre essa temática obteve relevância especialmente a partir da década de 90, no Brasil. Para Bakhtin (2000), os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados, que se ligam a diferentes esferas da atividade humana. Segundo ele, ignorar a natureza do enunciado e

as particularidades do gênero pode levar o estudo lingüístico à abstração, desvirtuar sua historicidade e enfraquecer o vínculo existente entre língua e vida. O autor propõe em suma, uma concepção dialógica para os gêneros, na qual o contexto de produção e de consumo desses enunciados tem grande relevância para seu estudo.

Materiais e Métodos

O corpus escolhido são cinco poemas adquiridos no XXIII Concurso de Poesia “Nhô Bento” – 2005, evento tradicional realizado nos meses de novembro na cidade de São Sebastião, no litoral norte do Estado de São Paulo. As cinco produções literárias foram escolhidas entre os 14 finalistas do concurso, pois estes são de poetas que têm participado de todas as edições do evento e são “filhos da terra”, o que historicamente já traz na produção características que irão de encontro ao estudo.

Essa produção literária será estudada com base em teorias de estudiosos da área de lingüística e literatura, além da utilização da classificação de gêneros do discurso feita por Bakhtin. O trabalho com o corpus será praticamente dividido em duas etapas, a primeira concernente à uma análise Sociolingüística e a segunda a gêneros discursivos. Na primeira etapa já foram encontrados nos poemas propriedades que comprovaram em primeiro instante a existência de uma característica específica da literatura do litoral norte de São Paulo, o que poderia classificar essa produção literária de

“caçara”. A realização da segunda etapa do estudo está em processo de pesquisa, o que não nos dá ainda a conclusão sob o ponto de vista a partir dos gêneros discursivos.

Aqui estão dois dos poemas que estão sendo analisados neste estudo:

COSTA SUL, FELICIDADE DE OUTROS TEMPOS (SABIÁ DO QUINTAL)

*Costa sul, colorida! Cartão postal de São Sebastião
Desenvolvida, orgulhosa, fazendo juz a badalação
Espelho fiel desde os tempos primordiais
Sem “mãe rodovia” entre bairros caminho único era
o mar
Em suas canoas os “sueste”, “sudoeste”, atreviam
Enfrentar
“Tiravam de letra” os caçara, buscando os ideais
Em cada canto de praia situava um portinho
Baldeavam em canoa com classe e com carinho
As fartas mercadorias, além de passageiros
Cabras, galinhas, porcos, pássaros silvestres, até
sagüi!
Quanta gente feliz, em razão daquele mundo existir
Ibama, Florestal inexistia! Hoje crime corriqueiro!
Década de quarenta! Envolvidos de maneira tão feliz
Pelas... não sei quantas viagens que eu fiz
Hoje, sutilmente transformo tudo em poesia
Creio ser útil e preciosa por toda eternidade
Ao registrar que juntas; obrigação e vaidade
Navegam de mãos dadas! Me provoca nostalgia!
Já desativadas as lanchas, Irati, Santense, Marçal
Encostada em algum lugar, em estado letal
Embarcava n’outros barcos com toda reverência
Na sedutora viagem que levava até Santos
Visualizando céu, mar, sol, decotes de serra!
Era encanto.
Audacioso sou nesta cultura desde minha adolescência.
Meio de viagem! Alguns já “maresiados” pelos Vagalhões
Náuseas, vômitos, faziam dispensar as refeições
Peixe frito, cuscuz, chouriço, frango, carne assada
Na permuta coletiva, tudo de bom se comia*

*Frustrado fiquei quando a uma velha oferecia
Lagarto com farofa! Lhe mostrando na lata destampada.*

*A emoção me domina quando hoje lembro
Brisa de Leste em pleno mês de Setembro
Espumas, borrifos d’água espargiam a marulhada*

*Já n’outras lanchas “Atlas”, “Sudamérica”,
“Valência”*

*A bordo; pic-nic, viola, cantoria caçara era a
Essência*

*Não faltante o “flért” com respeitosas
namoradas*

*Até me obrigo evocar nomes em sincera
homenagem*

*A elas, vivas ou falecidas; eis a fiel mensagem
As; Nilce, Laura, Rute, Gracinha, Lolinha!*

*Quando a boa intenção e o respeito era o perfil
Romance e aventura desabrochavam sobre o
mar de*

Anil

*Resumo tudo que foi bom, as ex-namoradinhas
Seria deselegante esquecer os meus colegas*

Que pela disputa feminina era um pega

Porém, sem rixa, sem contenda, sem ciúme

Nos encontros casuais lá por Santos

Ou na São Sebastião, entre risos e prantos

*Quem não era portador de paixão ou de
queixume?!*

*Laurete! Cabo João! Apaga Luz! Bueno!
Faustino! E*

os demais

Ontem na Aeronáutica fomos os ancestrais

*E hoje?! Emocionado pergunto: onde estão
vocês?!*

Alguns morando no céu, é evidente

Um encontro com os ainda remanescentes

*Navegaríamos na maravilhosa Costa Sul, mais
uma vez...!*

CANTO CHORADO (ANIEL)

Vai longe o tempo, tão distante e tão diferente.

Ruas e estradas, trilhas ladeadas de naros,

Urzes, marias sem-vergonha, simples e latente.

*Presença marcante a enfeitar caminhos e
fardos.*

*Do continente via-se a mata, canoas e
pescadores.*

Madrugada fria; uns saindo, outros voltando.

*Redes enormes, olheiro na proa, pindás,
louvores*

*De cantigas; fé, esperança, Deus, orações
brotando.*

Sina, labuta diária do homem do mar, um forte

Marcado ao sol, à luz do luar, pela intempérie.

Nada o detém; fadiga, dor, doença. Só a morte

*O faz igual aos demais: é um homem fora de
série.*

Assim vi o ilhéu, caiçara imbatível, poeta da vida
 A ornamentar o trabalho, na capela orando
 De joelhos, genuflexo, piedoso, a cada partida.
 Quanta fé! Mãos postas, às vezes, chorando.
 Os fortes também choram; lágrimas são troféus
 E o choro sentido é o pranto e também a peia
 Que o finca na terra, olhando estrelas e os céus
 Tecendo os seus dias, qual aranha a teia.
 Embora rude, o pescador ama a vida, respeita o mar.
 Fiel às regras de netuno e às ordens da natureza,
 O frondoso e esguio guapuruvú aprendeu adorar,
 E, com humildade, identificar sua grandeza.
 Entre as ondas, mar adentro, vê sua ilha
 E se magoa, contrito, com a transformação.
 Deveria velar por ela qual o sono de uma filha
 E lutar contra migrantes e desastrosa invasão.
 Não teve tempo, foi devagar, tarde parece,
 Mas, é preciso conter esse homem, um espinho
 Ferino, cuja mão destrói mais que o riso, encarnece
 Arbustos, sândalos e as flores silvestres do caminho.
 Muitas trilhas, luz elétrica, telefone, mais famílias
 Migram e serpenteiam os morros, descolorindo
 A verde mata, poluindo cachoeiras da bela ilha
 Que se contrói, arredia, nos estertores, sucumbindo.
 Vida cruel da insula chorante, acabrunhada,
 Igual o caiçara e o pescador, barco vazio e lamento
 Fremente no afã da volta ao lar, mulher esperançada
 Por um sorriso, a fatura, o fim do sofrimento.
 Choro sentido, contraste dos tempos de outrora,
 Quando o homem respeitava a ilha e sorria falando.
 Tempos bons, chorava-se sorrindo, diferente de
 agora;
 Todos lamentam e falam dela sem sorrir.
 Chorando!

Discussão

Recensearemos brevemente as noções implicadas no conceito da variação lingüística tendo como base os estudos feitos na área da Sociolingüística. Para tanto, foram valiosas as reflexões de Preti (1994) e Tarallo (2002). Primeiramente, o termo Sociolingüística, é o estudo das relações que existem entre todos os fatores usados para classificar um falante (idade,

sexo, escolaridade, origem geográfica, etc.) e o modo como ele fala (variante lingüística). A Sociolingüística, com este nome e sua configuração teórica e metodológica atual, surgiu em 1960 nos Estados Unidos.

Para a Sociolingüística a língua é um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana e, varia, isto é muda com o tempo e varia no espaço, além de variar também de acordo com a situação social do falante. Bagno (2003) ressalta que são os seres humanos que utilizam a língua, tornando-a tão concreta quanto eles próprios. Para o sociolingüista olhar para a língua tendo em vista a realidade histórica, cultural, social em que ela se encontra, isto é, em que se encontram os seres humanos que a falam e escrevem, é considerar a língua como uma atividade social, como um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes toda vez que se põem a interagir verbalmente, seja por meio da fala, seja por meio da escrita. Porém, o que nos interessa nesse estudo é entender o que são e como podem ser identificadas as características regionalistas na comunicação de um determinado grupo social. Tendo em vista, a partir da Sociolingüística francesa, os fatores que podem se manifestar no diálogo ocasionando as variações. Nessa altura do trabalho nos ateremos ao fator geográfico já que este têm bastante influência no estudo que esta sendo realizado.

Para a Sociolingüística francesa as variações podem ser: **Geográficas** – envolvem as variações regionais; **Sociológicas** – compreendem as variações provenientes da idade, sexo, profissão, nível de estudo, classe social e raça e **Contextuais** – tudo que pode determinar diferenças na linguagem por influências alheias a ela, como por exemplo, o assunto, o tipo de ouvinte e o lugar em que o diálogo ocorre. Nos atendo mais as variações geográficas (ou Diatópicas) podemos perceber que são aquelas que acontecem na concorrência das comunidades lingüísticas, sendo responsáveis pelos regionalismos. “Suas manifestações são contidas na comunidade por uma hipotética linguagem comum do ponto de vista geográfico que, sendo geralmente compreendida e aceita, contribui para o nivelamento das diferenças regionais.” (PRETI, 1994, p.24).

Podemos pensar que a cidade de São Sebastião, onde foi colhido o corpus para este trabalho, pode ser vista dentro do Estado de São Paulo caracterizada por um dialeto rural já que está localizada no interior do Estado, levando-se em consideração a variante utilizada na capital, no caso São Paulo, como exemplo da linguagem comum. Se levarmos em consideração em nosso estudo a Região do Vale do Paraíba, localizada no interior do Estado e constituída por várias cidades,

encontraremos ainda assim a variação lingüística própria de cada município, inclusive em São Sebastião por se tratar de uma cidade localizada no litoral. Essa variação em primeiro momento pode ser observada do ponto de vista lexical (vocabulário utilizado na região). Em *Costa Sul, felicidade de outros tempos*, um dos poemas estudados, o poeta utiliza termos lexicais próprios dos caiçaras (caipira do litoral paulista): sueste, sudoeste, maresiados, vagalhões, brisa de leste, marulhada e outros.

Sobre a utilização dos poemas no estudo da característica lingüística do litoral sabe-se que, “*é possível aceitar que a obra literária (em especial a prosa, mas, sob certa forma, também a poesia) funciona como uma recriação da realidade lingüística de seu tempo.*” (PRETI, 1994, p.57). Para o sociolingüista Tarallo (2002), mesmo sendo de natureza distensa típica da fala, [esse material] poderia explicar-se como resultado da influência da oralidade na escrita. Assim as obras que serão aqui estudadas representam as características da fala do caiçara, afinal “*em todas as épocas, a língua literária, de uma forma ou de outra, com maior ou menor intensidade, não perdeu sua ligação com a realidade falada.*” (PRETI, 1994, p.61).

Por uma influência histórica os poemas estudados possuem características próprias, isto se deve até mesmo pelo nome do concurso. Com o nome de “Nhô Bento”, esse evento visa eleger os mais conceituados poetas da região do litoral, e por mais que se possa encontrar inscritos ali poemas com temas diferenciados, os de maior prestígio entre a população e júri são os que retratam a vida do caiçara, suas angústias e história social. Os inscritos são inspirados pelo poeta que dá nome ao concurso, Nhô Bento (poeta valeparaibano), elogiado até mesmo por Monteiro Lobato. Parece que como querendo seguir os passos de Nhô Bento, os poetas também registram em suas obras impressões do cotidiano do homem ligado ao mar e ao litoral; memórias de tempos remotos representados por canoas, procissões, redes, pescarias e mata densa, figuras ilustrativas próprias da região, como essas apresentadas no poema *Canto Chorado*.

“... Ruas e estradas, trilhas ladeadas de narros,
Urzes, marias sem-vergonha, simples e latente.
Presença marcante a enfeitar caminhos e fardos.
Do continente via-se mata, canoas e pescadores.
Madrugada fria; uns saindo, outros voltando.
Redes enormes, olheiro na proa, pindás,
louvores
De cantigas; fé, esperança, Deus, orações
brotando...”

Além da questão geográfica e lexical, veremos também os estudos de Bakhtin sobre os gêneros discursivos, e o que caracteriza um poema regionalista, para assim podermos afirmar se as obras coletadas em São Sebastião podem ser assim classificadas.

Conclusão

Levando em consideração que a fala pode estar representada na produção literária; e que podemos a partir dessa entender as características sociais de um grupo, o estudo até o momento tem nos levado a perceber que existe uma característica específica da literatura do litoral norte de São Paulo, inclusive em São Sebastião, onde existem vários poetas preocupados em registrar suas impressões pessoais e locais na escrita apresentando uma especificidade “caiçara”.

Os resultados apesar de parecerem nos levar a esta conclusão, ainda são parciais, afinal, serão analisados os poemas à partir dos estudos de gênero discursivo de Bakhtin, e com isso estudos posteriores poderão relatar situações de conflito que poderão corroborar as afirmações explicitadas.

Referências

- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália – Novela sociolingüística**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina G.G. Pereira. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- PRETI, Dino. **Sociolingüística: Os níveis da fala: Um estudo do diálogo na literatura brasileira**. 7ed. São Paulo: Edusp, 1994.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 7ed. São Paulo: Ática, 2002